

O RODÍZIO DE FALTAS DOS TRAIDORES

O famoso "rodízio de faltas" do futebol — aquela tática em que os adversários se revezam para cometer infrações calculadas, evitando cartões vermelhos e mantendo o time em campo — encontrou terreno fértil na política brasileira.

A pseudo-direita, especialmente alas do Centrão e aliados oportunistas, aplica a estratégia desde que Jair foi inviabilizado como candidato. Críticas veladas, declarações "equilibradas" em off e análises cujo único objetivo é tirar o sobrenome Bolsonaro do jogo: "queremos os votos do Bolsonaro, mas sem o Bolsonaro". Tarcísio de Freitas, governador de São Paulo, virou o sonho dourado do establishment: conversa de gestor eficiente, imagem limpa, capaz de unir a direita sem espartar o mercado ou o sistema.

Durante 2025, a narrativa se repetiu: "Bolsonaro anuncia em setembro", "em outubro", "em novembro"... O principal porta-voz foi Ciro Nogueira, que sonhava com a vaga de vice de Tarcísio. Foram tantas "faltinhas" acumuladas que ele se viu obrigado a mudar de lugar no campo e sumir dos holofotes.

No Natal de 2025, o ex-presidente acabou com o suspense. Em carta de próprio punho, enquanto se preparava para mais uma cirurgia, Jair formalizou o senador Flávio Bolsonaro como seu escolhido. Decisão cristalina, bola no chão.

Mas o rodízio não parou. A primeira grande falta do ano veio exatamente de quem era vendido como o "escolhido": Tarcísio. Chamado pelo ex-presidente, agendou uma visita, mas, ao farejar que o encontro poderia incluir pressão por posicionamento firme em apoio a Flávio, desmarcou com a desculpa frágil de agenda. A reação foi imediata: aliados bolsonaristas expuseram a manobra, e o governador precisou correr atrás com declarações genéricas de apoio. Ingratidão? Cálculo frio? Ambos. O gesto expôs mais uma vez o jogo: proximidade com Bolsonaro quando conveniente, distância quando não agrada à estratégia.

Agora, quem entrou no jogo foi Marcos Pereira, presidente nacional do Republicanos — o partido de Tarcísio. Em um evento, Pereira foi explícito: o apoio da direita a Flávio "não está definido" e "está dividido". Defendeu Tarcísio como o nome que "consegue unir a direita" e, para completar, chamou Eduardo Bolsonaro de "arro-gante" ao rebater falas do deputado sobre unidade em torno da escolha de Jair. Será que ele achou que tinha alguma autoridade para falar sobre o que é bom para a direita? O Republicanos integra a base de apoio ao governo Lula - o fisiologismo de sempre - e tem lealdade zero ao bolsonarismo que os elegeu em 2018, com Mourão como vice de Jair, e em 2022, com o próprio Tarcísio.

Esse revezamento é estratégico: evitar confronto direto com o maior líder popular da direita, mesmo preso — enquanto corrói sua autoridade para definir o rumo do movimento. Cada "falta" é dosada: crítica "técnica", elogio ao "centro", menção a outros nomes. Tudo para acumular desgaste e plantar fragmentação.

O Centrão sonha com um candidato palatável ao sistema: menos ideológico, disposto a concessões em nome da "governabilidade". A direita autêntica resiste ao lawfare, ao autoritarismo judicial e ao establishment. Sabe que o nome Bolsonaro é o único antídoto comprovado ao lulopetismo nas urnas. Faltas disfarçadas de "equilíbrio" não enganam mais. O capitão escolheu Flávio. Ponto final. Quem insistir no rodízio que se prepare: o cartão vermelho virá nas urnas de 2026.

- **Rodízio calculado:** Revezamento de críticas moderadas e gestos ambíguos para desgastar Bolsonaro sem confronto direto.
- **Candidato do sistema** Promoção de um nome gerencial e conciliador como alternativa aceitável ao establishment.
- **Autoridade sabotada** Tentativa contínua de esvaziar a capacidade de Bolsonaro definir os rumos da direita.

